



Cordéis de Pedro Macambira: comunicação popular e alternativa no contexto do movimento sindical¹

Rozinaldo Antonio MIANI²

Resumo:

O movimento sindical brasileiro, especialmente durante a vigência do “novo sindicalismo”, se constituiu em um ambiente fértil para a produção de experiências comunicativas alternativas. Além de jornais, boletins, revistas e cartazes, outras produções impressas também circularam entre trabalhadores de várias categorias levando informações e discussões sobre o contexto da luta sindical e sobre temas da conjuntura social e política pela ótica da classe trabalhadora. Dentre essas experiências, a literatura de cordel também teve o seu espaço e importância. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar e analisar a obra de Pedro Macambira que, além de operário metalúrgico e liderança sindical, foi produtor de diversos cordéis que pautaram temas sindicais como greves, eleições sindicais e comissão de fábrica, bem como temas políticos como a eleição presidencial de 1989. A análise aponta para o reconhecimento dos cordéis de Pedro Macambira como prática política discursiva e como expressão singular de comunicação popular e alternativa no contexto do movimento sindical brasileiro.

Palavras-chave: comunicação popular e alternativa; mídia alternativa; literatura de cordel; Pedro Macambira; movimento sindical.

Pedro Macambira's cordels: popular and alternative communication in the context of the union movement

Abstract:

The Brazilian union movement, especially during the “new unionism”, constituted a fertile environment for the production of alternative communicative experiences. In addition to newspapers, newsletters, magazines and posters, other printed productions also circulated among workers from various categories, bringing information and discussions on the context of union struggle and on themes of the social and political conjuncture from the perspective of the working class. Among these experiences, the cordel literature also had its space and importance. In this sense, the objective of this article is to present and analyze the work of Pedro Macambira who, in addition to being a metallurgical worker and union leader, was a producer of numerous cordels that guided union themes such as strikes, union elections and factory commission, as well as political themes such as the 1989 presidential election. The analysis points to the recognition of Pedro Macambira's cordels as a discursive political practice and as a unique expression of popular and alternative communication in the context of the Brazilian union movement.

Keywords: popular and alternative communication; alternative media; cordel literature; Pedro Macambira; union movement

¹ Versão revisada e ampliada de artigo apresentado no GT História da Mídia Alternativa do XII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado em junho de 2019 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

² Doutor em História, pós-doutor pela ECA/USP. Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCom/UEL). *E-mail:* rmiani@uel.br





Cordeles de Pedro Macambira: comunicação popular y alternativa en el contexto del movimiento sindical

Resumen:

El movimiento sindical brasileño, especialmente durante el “nuevo sindicalismo”, constituyó un ambiente fértil para la producción de experiencias comunicativas alternativas. Además de periódicos, boletines, revistas y carteles, también circularon otras producciones impresas entre los trabajadores de diversas categorías, que traen información y discusiones sobre el contexto de la lucha sindical y sobre temas de la coyuntura social y política desde la perspectiva de la clase trabajadora. Entre estas experiencias, la literatura de cordel también tuvo su espacio e importancia. En este sentido, el objetivo de este artículo es presentar y analizar el trabajo de Pedro Macambira, quien además de trabajador metalúrgico y dirigente sindical, fue productor de numerosos cordeles que orientaron temas sindicales como huelgas, elecciones sindicales y comisión de fábrica, así como temas políticos como la elección presidencial de 1989. El análisis apunta al reconocimiento de los cordeles de Pedro Macambira como una práctica política discursiva y como una expresión singular de comunicación popular y alternativa en el contexto del movimiento sindical brasileño.

Palabras clave: comunicación popular y alternativa; medios alternativos; literatura de cordel; Pedro Macambira; movimiento sindical.

Introdução

Na história do movimento sindical no Brasil, destacamos o período do “novo sindicalismo” (ANTUNES, 1995; GIANNOTTI, 2007) como o mais fértil e mais vigoroso de um sindicalismo classista e combativo. Tal período teve início com as greves no ABC paulista no final da década de 1970 e se estendeu por toda a década de 1980, com especial destaque para a criação e atuação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) como a sua principal expressão organizativa.

Esse movimento contou com a participação ativa dos sindicatos considerados combativos – por sua postura crítica em relação à ditadura civil-militar (1964-1985) e de defesa dos interesses dos trabalhadores – e também das chamadas “oposições sindicais” combativas – constituídas por organizações de militantes e de lideranças sindicais que atuavam fora das estruturas sindicais em razão de terem sido destituídos dos sindicatos por intervenção dos governos militares ou por terem despertado para a necessidade de retomada das entidades sindicais para o legítimo controle político dos trabalhadores.

Como decorrência da nova cultura política sindical constituída a partir do “novo sindicalismo”, houve uma revitalização nas práticas discursivas e comunicativas dos sindicatos. Segundo Santiago e Giannotti (1997, p. 18), “gradativamente, foi-se ampliando o campo da atividade sindical, e com ele, o alcance e a variedade da sua comunicação”, que deixou de se limitar apenas à imprensa sindical. Ou seja, os sindicatos passaram a desenvolver outros tipos de produção discursiva e de práticas comunicativas, constituindo, a partir de



então, uma cultura de “comunicação sindical” (SANTIAGO; GIANNOTTI, 1997; MOMESSO, 2013).

E mais, a própria imprensa sindical se diversificou. Além dos jornais e boletins – que tiveram importantes mudanças, constituindo o que Verdelho (1986, p. 80) caracterizou como “nova imprensa sindical” –, os sindicatos combativos passaram a produzir cartazes, cartilhas, manuais, revistas e outros materiais impressos com mais regularidade.

A convicção da importância estratégica de uma prática política discursiva por meio da comunicação sindical, de modo geral, e da imprensa sindical, de modo particular – por parte dos sindicatos signatários do “novo sindicalismo” – também foi assimilada pelas oposições sindicais combativas que, na medida de suas condições, passaram a produzir suas diversificadas práticas comunicativas.

Considerando, principalmente, as dificuldades financeiras para a produção de materiais comunicativos por parte das oposições sindicais, algumas iniciativas coletivas ou mesmo individuais foram marcadas pela ousadia e pela criatividade. Nesse contexto, destacamos os cordéis de Pedro Macambira, produzidos por um metalúrgico e integrante do Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (MOSM-SP) e que, apesar de se tratar de uma produção autoral, foi incorporada como parte da produção discursiva e comunicativa do movimento sindical de oposição metalúrgica no contexto do “novo sindicalismo”.

Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar e analisar a obra de Pedro Macambira (que se tratava de um pseudônimo), produtor de diversos cordéis que pautaram temas sindicais como greves, comissão de fábrica e eleições sindicais, e também temas políticos, como a eleição presidencial de 1989. A análise parte da hipótese de que os cordéis de Pedro Macambira se constituem como uma prática política discursiva e uma expressão singular de comunicação popular e alternativa (MIANI, 2010) no contexto do movimento sindical brasileiro.

Para tanto, faremos, inicialmente, uma breve reflexão sobre a caracterização do cordel como uma prática discursiva e uma expressão de comunicação popular e alternativa para, posteriormente, apresentar os cordéis de Pedro Macambira e analisá-los como uma prática comunicativa estratégica no contexto do movimento sindical.

A literatura de cordel como prática discursiva e expressão de comunicação popular e alternativa

Tradicionalmente conhecido como uma literatura popular nordestina, o cordel é caracterizado tanto pela oralidade quanto pela linguagem verbal escrita por meio da poesia em versos. Apesar de a expressão verbal escrita ter assumido uma predominância na história recente da literatura de cordel, D’Oliveira chama atenção para a importância da preservação da oralidade no cordel, pois, afirma a autora, “ele se sustenta na tradição oral” (D’OLIVEIRA, 2013, p. 334). Em prefácio à clássica obra *Cordel: do encantamento às histórias de luta*, Houaiss (1983, p. 15) afirmou que “o cordel desde sempre aspira a ser ‘ouvido’, constituindo a forma impressa um meio de expansão da oralidade”.

A respeito dessa dupla condição de linguagem na caracterização da literatura de cordel, Evaristo (2000, p. 122) nos oferece uma esclarecedora sistematização:

Caracterizado pela oralidade e integrante da literatura popular em verso, esse gênero apresenta algumas peculiaridades. Situado entre a oralidade e a escrita, o cordel é uma modalidade com duas vias de chegada ao leitor. Num primeiro momento o poeta “canta” seus versos para um público específico para, num outro momento, atingir seu objetivo maior: vender seus folhetos impressos, onde figuram propriamente seus poemas. Os livretos de cordel são mercadorias e o texto escrito é o produto a ser comercializado. Assim, apesar das fortes marcas da oralidade presentes nos versos, essa literatura é veiculada também através da linguagem verbal escrita, conformando-se a certos padrões dessa linguagem.

Portanto, por pertencer à tradição oral, o cordel também deve ser considerado como um produto constitutivo da “tradição das artes verbais” (BONFIM, 2009, p. 12). Porém, nesse sentido, ele continua relativamente obscurecido no contexto da literatura brasileira. Em sua crítica a essa condição subalterna do cordel, Bonfim (2009, p. 12) afirma:

Considero que tal obscurecimento não é involuntário, mas fruto do isolamento que as pessoas envolvidas com a prática social do cordel sofrem, isto é, da desconsideração que a sociedade brasileira tem com os grupos de marginalizados, seja pela condição regional (Nordeste e nordestinos), seja pela condição econômica e profissional (trabalhadores rurais e operários semi-especializados nas grandes cidades do Centro-Oeste, Sul e Sudeste), seja pelo acesso aos bens simbólicos (pouco letramento).

Em sua constituição histórica, o cordel se desenvolveu a partir dos primeiros folhetos que chegaram ao Brasil nas caravelas, trazidos pelos colonizadores portugueses

(CRISPINIANO NETO, 2012)³. Desde então, essa modalidade de literatura popular foi se constituindo, até que, no final do século XIX, os primeiros folhetos impressos foram produzidos no país por poetas nordestinos.

Num movimento de recriação das tradições que foram herdadas de uma cultura letrada estrangeira, o cordel se desenvolveu, no contexto do nordeste brasileiro, principalmente, como poesia. Para Crispiniano Neto (2012, p. 9), essa foi a opção brasileira na produção dos folhetos nordestinos e, com isso, “aos poucos, foi se configurando um jeito brasileiro/nordestino de fazer literatura popular em versos. Dirigido para a imensa massa do povo.” Ainda para esse autor, além de ser dirigida ao meio popular, a literatura de cordel nordestina apresenta outras características específicas, a saber: gênero estritamente literário e informativo; definição pela poesia; postura ideológica denunciadora e crítica dos opressores; venda de mão em mão. Nas feiras, os cordéis eram vendidos em rodas e expostos em malas abertas ou em pequenas bancas no meio da roda⁴ (CRISPINIANO NETO, 2012).

Desde suas primeiras manifestações no nordeste brasileiro, o cordel teve importantes “transfigurações” e foi se adaptando às novas realidades, “acompanhando as mudanças e inovações ao longo do tempo, incorporando alguns elementos novos e mantendo outros” (EVARISTO, 2000, p. 121). Inclusive, ganhou projeção e se expandiu para outras regiões do país (D’OLIVO, 2010; 2013).

Reconhecendo a complexidade assumida pelo cordel, Luyten (1981) afirma que o cordel se consolidou, na década de 1970, como uma forma de jornalismo popular. Também a esse respeito, Nemer (2007, p. 4) afirma que “a literatura de cordel, embora tenha preservado traços da literatura oral, estabeleceu relações com outras modalidades narrativas, entre as quais, o jornalismo ao qual se vincula através do folheto de atualidades”. Para uma caracterização mais atual do cordel, Nemer (2007, p. 2) assevera:

Entre os estudos mais atuais, a tendência é considerar o cordel como uma manifestação dinâmica que, sem abandonar determinados referenciais da tradição (como é o caso de alguns arquétipos, de alguns mitos e, primordialmente, da sua dimensão oral) esteve sempre, desde os seus primórdios, conectada às novidades técnicas, sociais, culturais, políticas e comportamentais em curso no momento de sua produção.

³ Segundo Crispiniano Neto (2012), o primeiro cordel de que se tem notícia no Brasil foi de autoria de Silvino Pirauá de Lima, intitulado “História do capitão do navio”.

⁴ Conforme Crispiniano Neto (2012), a prática de expor os cordéis em ruas para a venda, pendurados em varais de barbante, era uma prática própria da cultura da Literatura de Cordel Portuguesa.

Esse dinamismo apresentado pelo cordel não implica apenas suas características como linguagem, mas também sua condição como produção cultural e sociopolítica. Londres (1983) já afirmava a necessidade de destacar o valor literário, histórico e sociológico do cordel, em sua manifestação essencialmente popular, e que esse fenômeno criativo deveria ser considerado como “expressão cultural - artística e ideológica - das camadas pobres excluídas da cultura oficial” (LONDRES, 1983, p. 32).

Ainda segundo Londres (1983, p. 31), o cordel apresenta uma qualidade inventiva e reflexiva que “abunda em temas que refletem, com profundidade, a realidade social em que floresce”. Isso nos leva a considerar que o cordel, por meio de suas estratégias discursivas e de linguagem, oferece-nos importantes “recortes do social” que, segundo D’Oliveira (2010, p. 78), “são apresentados pelo poético que os aproxima da ludicidade, possibilitada pelo deslizamento da poesia da língua”.

Nessa linha, o dinamismo assumido pela literatura de cordel no último quartel do século XX abrangeu também as questões socioterritoriais na medida em que, dentre outros ambientes, o cordel passou a circular entre trabalhadores de regiões operárias dos grandes centros do sul e do sudeste brasileiro, como foi o caso dos cordéis de Pedro Macambira. Porém, ainda antes de apresentar o nosso cordelista e sua obra no contexto do movimento sindical, cabe demarcar nossa compreensão de que essa produção específica se constituiu como prática política discursiva e como uma expressão de comunicação popular e alternativa.

Sem pretender realizar uma análise aprofundada sobre a natureza discursiva do cordel, apresentamos apenas algumas considerações que situam o cordel como um discurso e, nesse contexto, como um gênero narrativo. Para tanto, tomamos como referência a argumentação de Bonfim (2009, p. 51), que afirma que “assim como outras manifestações de linguagem, o cordel é e pode ser tratado como discurso [...]. Ao lidar com o cordel sob a perspectiva do discurso, nós o situamos no universo dos estudos sociosemióticos, isto é, como manifestação da linguagem e como prática social”.

Como prática social, o cordel se apresenta por meio de narrativas em versos trazendo à tona algumas percepções ou experiências pessoais de seus produtores (cordelistas). Essa configuração do cordel nos remete às considerações seminais de Benjamin (1994) a respeito do narrador e, deslocando para o universo do cordel, Bonfim (2009, p. 198) apresenta a seguinte reflexão:

Relembro, a propósito que as narrativas têm sua funcionalidade nas sociedades em que são produzidas, distribuídas e consumidas. O mundo do sertão dos

cordéis nordestinos não fica em outro planeta nem seu discurso se dirige a outras galáxias: esse discurso é produzido, veiculado e consumido por pessoas que negociam suas crenças, valores e conhecimentos com base também nas histórias que são contadas. E agem neste mundo.

Essas histórias contadas/narradas cumprem distintas funções políticas e suas temáticas são tão plurais quanto a própria compreensão que se pode estabelecer sobre a realidade. Nesse sentido, o cordel também se materializa como um discurso político, vinculado a outras atividades sociais como a militância sindical, a exemplo dos cordéis de Pedro Macambira, como veremos adiante. Para Sousa (2007, p. 46), “com ou sem explícitas pretensões de educar, o Cordel vem informando e formando, opiniões”. Ainda em relação às funções políticas, Bonfim (2009, p. 50) afirma que o cordel pode ser usado “tanto para instruir quanto para informar”.

De uma perspectiva política mais ampla, é preciso considerar que o cordel se constitui como um fenômeno discursivo e comunicativo ambivalente. A pluralidade de temáticas e de abordagens, bem como de propósitos de seus autores, conduzem a diferentes análises e compreensões sobre a realidade, potencializando movimentos de alienação ou de emancipação da consciência. A esse respeito, a análise apresentada por Menezes (1977, p. 33) é bastante esclarecedora, porém não menos provocativa:

A literatura popular em verso, embora contribua no conjunto para a estabilidade e continuidade de uma cultura, pode atuar também, e de fato o faz, no sentido de favorecer a mudança social, assim como pode constituir um meio de ação política, programada e intencional, ou meramente implícita. Por um lado, os próprios poetas costumam formular, sobretudo nos folhetos “de acontecido” ou nos de crítica social, o protesto ou a simples lamentação dos oprimidos; por outro lado, são conhecidas as inúmeras utilizações dos folhetos como instrumento de propaganda política: alguns chegando aos extremos do grotesco e da louvação, outros definindo uma posição ideológica clara e até um programa de ação.

A respeito das temáticas, em seu dinamismo mais recente, há que se destacar que os cordéis, como prática política discursiva, intensificaram sua relação com os assuntos da mídia e, considerando seu deslocamento como fenômeno comunicativo descentralizado do ambiente rural nordestino, D’Oliveira (2010, p. 34) conclui: “o fato de o cordel tratar um tema em voga já nos mostra a relação que os cordelistas têm com uma discursividade que circula no cotidiano de quem mora nos centros urbanos”.

Por fim, antes de apresentar e refletir sobre a obra cordelística de Pedro Macambira,

cabe-nos afirmar a sua condição de expressão de comunicação popular e alternativa. A esse respeito, Miani (2010, p. 298-299) apresenta uma definição precisa sobre o referido conceito:

[...] a comunicação popular alternativa pode ser compreendida como a expressão mais representativa de uma comunicação notadamente político-ideológica, vinculada aos interesses históricos das classes subalternas, no contexto da luta de classes, numa perspectiva emancipatória, produzida e/ou impulsionada pelas mais diversas organizações sócio-políticas engajadas na luta anticapitalista.

Portanto, como consideramos que os cordéis de Pedro Macambira se constituem como uma expressão cultural (artística) de resistência e, como prática discursiva, uma afirmação político-ideológica contra-hegemônica, bem como uma manifestação comunicativa associada à cultura dos dominados, reivindicamos se tratar de uma expressão singular de comunicação popular e alternativa desenvolvida no âmbito do movimento sindical.

O cordel de Pedro Macambira no contexto das lutas sindicais

As lutas sindicais são constituídas, predominantemente, pelas ações políticas desenvolvidas ou impulsionadas pelas diretorias dos respectivos sindicatos⁵. Porém, é necessário considerar que em quaisquer bases territoriais de um determinado sindicato podem se constituir coletivos de trabalhadores que se organizem como “oposições sindicais”.

Isso ocorre porque, de acordo com a estrutura sindical brasileira ainda vigente, prevalece o princípio da unicidade sindical (GIANNOTTI, 1988; BOITO JR., 1991) que determina que só pode existir um único sindicato de uma mesma categoria trabalhista em uma determinada base territorial (definida pelos limites mínimos de um município). No entanto, se houver grupos de militantes e ativistas sindicais que não ocupem os cargos de direção de um sindicato, mas que desejem atuar como representantes políticos oficiais da categoria, esses grupos devem organizar uma chapa eleitoral para participar das eleições sindicais e vencer o pleito para, então, atuarem como dirigentes do sindicato. Até que cheguem as eleições, esses grupos se organizam e atuam politicamente se definindo como “oposição sindical”.

De nossa parte, entendemos que toda a atuação desenvolvida por essas oposições sindicais deve ser considerada como parte constitutiva do movimento sindical e produtora de lutas sindicais. E nesse contexto de atuação das oposições sindicais há, certamente, uma grande riqueza (plural) de produção política discursiva e comunicativa que, inclusive, inclui o objeto de estudo aqui em questão.

⁵ As nossas referências aos sindicatos se limitam, exclusivamente, a tratar dos sindicatos de trabalhadores.

Passemos, então, a apresentar nosso cordelista. Pedro Macambira, pseudônimo de Cleodon Silva⁶, nascido em 1949 na cidade de Garanhuns, estado de Pernambuco, se envolveu desde a juventude com a luta política, tendo participado, ainda em seu estado natal, do movimento estudantil secundarista e de grupos políticos de esquerda na luta contra a ditadura. Chegou a São Paulo em 1971 e logo começou a trabalhar em empresas do ramo metalúrgico, principalmente, na área de controle de qualidade. Nesse percurso foi se aproximando dos movimentos de organização dos trabalhadores e, no mesmo ano de sua chegada à capital paulista, integrou a direção do Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (MOSM-SP) até o ano seguinte (1972), tendo retornado a essa condição em 1975 (PACIORNIK, 2013).

Atuando de maneira clandestina como liderança sindical, Cleodon Silva investia em formas de comunicação operária para levar aos trabalhadores metalúrgicos algumas informações que pudessem contribuir para os processos de resistência e de organização política da classe trabalhadora. Silva vivenciou ativamente sua primeira greve em 1978 quando trabalhava na metalúrgica Barbará, na zona sul de São Paulo; foi nesse período que “apareceu” Pedro Macambira (GIANNOTTI, 2013).

Antes de tudo, é preciso reconhecer que a produção cordelística de Silva, sob pseudônimo de Pedro Macambira, guarda especificidades em relação à cultura da literatura de cordel, conforme apontada e analisada anteriormente. Conforme constatamos, os cordéis de Pedro Macambira derivavam de um contexto sociopolítico de resistência (sindical) contra a opressão e a exploração da classe patronal ou de seus representantes (chefes ou encarregados) sobre os trabalhadores, cumprindo um papel político de denúncia contra determinadas situações do cotidiano. Nesse sentido, e também considerando que esses cordéis circularam num tempo histórico determinado, qual seja, o período da abertura política como etapa específica da ditadura civil-militar brasileira, essa prática discursiva e comunicativa se constituía, exclusivamente, como produção escrita.

Nesse sentido, o primeiro cordel impresso assinado por Pedro Macambira (autor até então desconhecido dos trabalhadores metalúrgicos e mesmo dos integrantes da oposição sindical da qual fazia parte) foi publicado em fevereiro de 1978 com o título *Conversa de três pelegos com satanás* (Figura 1). O seu conteúdo abordava a eleição para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que estava se aproximando.

⁶ Entre seus companheiros de luta, passou a ser conhecido apenas como “Silva”.

Como o MOSM-SP, por meio da inscrição de uma chapa eleitoral para disputar as eleições sindicais que ocorreriam em 1978, estava se preparando para enfrentar o então interventor Joaquim dos Santos de Andrade (conhecido como Joaquinzão), esse cordel teve o propósito de levar os trabalhadores a refletirem sobre aquela situação e persuadi-los a votar na chapa de oposição e, assim, garantir a retomada do sindicato para o controle político dos trabalhadores. A eleição, de fato, aconteceu em junho daquele ano e, apesar de a oposição sindical ter saído vitoriosa do pleito, o processo foi fraudado pelos “pelegos”⁷; no final das contas, o Ministério do Trabalho acabou empossando novamente o então interventor.

Figura 1 - Capa do primeiro cordel de Pedro Macambira



Fonte: Pedro Macambira (1978).

Depois desse cordel, outros sete cordéis foram publicados até o ano de 1984 (Figura 2), tempo em que a identidade de Pedro Macambira ainda era desconhecida. Foram eles: *O candidato honesto que engana todo mundo* (1978); *Chegou a hora. Nós e os patrões - o desafio da morte* (1979); *Aparição de Paraíba e os abusos da Jurubatura S/A* (1980); *A história do pelego camaleão* (1981); *Marmita ou mangueirão - o drama do peão da Monark* (1982); *A greve da Barbará e o carrasco Diamantino* (1983); e *Sub-sede dos metalúrgicos de Santo Amaro - 20 anos de abandono* (1984).

⁷ “Pelego” é o termo utilizado para designar o dirigente sindical que está mais comprometido com os interesses dos patrões e dos governos do que com a defesa dos direitos dos trabalhadores.

Figura 2 - Capas de cordéis de Pedro Macambira (1979-1981)



Fonte: Pedro Macambira (1979/1980/1981).

Por ocasião da organização de uma coletânea dos cordéis de Pedro Macambira, Florestan Fernandes (2013) foi convidado para escrever o prefácio da referida publicação e fez o seguinte comentário a respeito de alguns desses cordéis: “[...] percebe-se a conexão da forma poesia popular com a socialização política do operário ainda no limite de sua identidade de origem. As composições, por seu conteúdo, visam transmitir informações, atitudes e um código ideológico completo, de corte sindicalista” (FERNANDES, 2013, p. 2).

Em 1985, finalmente, rompeu-se o anonimato e Cleodon Silva, então dirigente do MOSM-SP, admitiu ser Pedro Macambira. Nesse mesmo ano, o sindicalista e cordelista publicou o livretinho *Reco-reco - máquina de bater em patrão* (Figura 3). Tratava-se de um manual prático de como construir uma impressora caseira para reproduzir materiais impressos, ensinando os operários a construir sua própria imprensa, tudo isso contado em versos e desenhos. O “reco-reco” permitia ao trabalhador ter em sua própria casa uma “máquina de bater em patrão”.

Figura 3 - Capa do cordel *Reco-reco - máquina de bater em patrão*, de Pedro Macambira



Fonte: Pedro Macambira (1985).

Depois dessa publicação, Pedro Macambira só viria a produzir outro cordel em 1989, por ocasião das eleições presidenciais, que foi o cordel *Sarney - TV Globo e o pau fedorento* (Figura 4). Nessa publicação, o cordelista retratou a disputa entre os dois projetos políticos antagônicos que estavam em disputa naquela eleição. De um lado, a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em defesa de um projeto democrático e popular e voltado para a construção de um governo dos trabalhadores, e, de outro lado, a candidatura de Fernando Collor de Mello (PRN), em defesa de um projeto neoliberal e comprometido com os usineiros e demais setores da burguesia nacional e internacional.

Nesse cordel, Pedro Macambira deixou de lado os temas sindicais, que predominavam em suas publicações até então, e ratificou o seu compromisso de classe, conforme revelou Giannotti (2013, p. 3) em sua apresentação por ocasião da publicação de uma coletânea dos cordéis de Pedro Macambira no *site* do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC): “Chega a grande eleição presidencial de 89 e Pedro Macambira é solicitado a por [*sic*] seus versos a serviço de um dos dois lados: evidentemente o lado que sempre ele defendeu”.

Figura 4 - Capa do cordel *Sarney - TV Globo e o pau fedorento*, de Pedro Macambira

Fonte: Pedro Macambira (1989).

Apesar de cada um dos textos dos cordéis de Pedro Macambira ser merecedor de uma análise detalhada dos recursos argumentativos e elementos discursivos – afinal seria uma riqueza poder realizar uma análise do próprio texto e da poesia de cada cordel – optamos por desenvolver uma reflexão que pudesse nos oferecer uma compreensão política geral do que representou a produção desses cordéis como prática discursiva e comunicativa no âmbito das lutas sindicais.

Nesse sentido, a primeira questão a ser considerada é a própria condição da autoria e, para tanto, as reflexões sobre o conceito de “porta-voz” no âmbito das teorias da linguagem parecem ser bastante pertinentes. Inicialmente, os cordéis de Pedro Macambira indicavam que para além da existência e da necessidade de identificação de um autor específico, a “autoria” materializava um porta-voz coletivo, que denunciava os patrões e suas arbitrariedades, além de apontar os desafios do cotidiano da classe trabalhadora nos locais onde os cordéis circulavam.

Segundo Pêcheux (1990, p. 17), “o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar”. Nessa mesma direção, D’Oliveira (2010, p. 17) acrescenta que o porta-voz “é considerado como o representante do seu povo, como aquele que se expõe ao poder no momento de reivindicar algo, de questionar uma ordem, rompendo, desse modo, o círculo do poder dominante”. No entanto, no caso específico em análise, esse porta-voz não se identifica, inicialmente, como

um sujeito singular, mas como um sujeito coletivo que representa a coletividade dos trabalhadores conscientes da necessidade de produzir um discurso de resistência como parte do discurso político inserido no contexto das lutas sindicais⁸.

Portanto, Pedro Macambira se constituiu como o porta-voz coletivo que representa, com a legitimidade que lhe é conferida pelos seus companheiros, a voz política dos trabalhadores num contexto marcado pela resistência operária contra os abusos e os desmandos da classe patronal no interior das fábricas e também nos processos sociais de disputas políticas sindicais e/ou institucionais.

Também merece destaque o fato de que, apesar de os cordéis de Pedro Macambira serem resultado de uma ação comunicativa autoral e não como parte de uma política de comunicação institucional - inclusive, tendo sido produzida no contexto de uma oposição sindical -, devemos considerá-la como uma produção discursiva e comunicativa vinculada às lutas sindicais, portanto, integrante do universo da comunicação sindical. As considerações apresentadas por Fernandes (2013) sugerem essa mesma compreensão, além de destacar a contribuição original e criativa do cordelista e a necessidade de replicar essas iniciativas junto ao movimento sindical:

A forma poesia popular foi adotada como expediente de comunicação, um meio para alcançar melhor a grande massa de peões de origem rústica (predominante nordestina), incorporada ao proletariado paulistano. [...] Tudo significa que o Sr. Cleodon Silva está prestando um serviço inestimável ao movimento sindical a uma renovação coerente das linhas de ação propriamente políticas do sindicato. [...] A saída natural consiste em descobrir uma pedagogia apropriada, que acelere não só a ressocialização [sic] do peão, mas que propicie sua doutrinação sindicalista e sua crescente identificação com o socialismo proletário. O que sugere que o esforço contido neste livro deve ser multiplicado na escala de cem mil, com a descoberta e a aplicação correta de novos métodos (FERNANDES, 2013, p. 1-4).

Aqui, aproveitando a deixa de Fernandes a respeito da caracterização do público receptor dos cordéis de Pedro Macambira e retomando alguns aspectos históricos e conceituais da literatura de cordel, propomos um exercício de enquadramento da referida produção cordelística na tipologia de gêneros desenvolvida por Londres (1983). Na ocasião de seus estudos, essa autora apresentou como um desses gêneros as “histórias de luta do

⁸ Inclusive, o sentido de resistência também se expressa na própria escolha do pseudônimo do cordelista. Macambira é uma planta que compõe a cobertura vegetal do semiárido (caatingas secas) dos sertões do Nordeste e muito utilizada na alimentação do homem e dos animais domésticos, principalmente, em épocas de seca; ou seja, é uma planta que simboliza sobrevivência e resistência. E Pedro, dentre outras possibilidades, pode estar se referindo ao primeiro apóstolo da Igreja Católica, conferindo um sentido bíblico, missionário e de representatividade à sua produção cordelística.

Nordeste”. Acreditamos que seria pertinente reconhecer que é no desdobramento dessa linhagem narrativa que a produção de Pedro Macambira se encaixa. As lutas nordestinas, expressas no confronto entre coronel/malfeitor *versus* camponês/valente, se equivalem ao campo dos enfrentamentos entre empregado e empregador, ou mais especificamente, entre patrões e trabalhadores.

Por fim, defendemos ainda a importância estratégica dos cordéis de Pedro Macambira como parte dos processos de formação política dos trabalhadores; considerando sua força política e ideológica no contexto histórico de sua circulação, reivindicamos a sua condição de prática de educação popular. Essa concepção também é apresentada e defendida com convicção por Sousa (2007, p. 18), para quem “o folheto de Cordel tornou-se, desde o golpe militar (1964), o espaço de educação sócio-política do oprimido, produzida e consumida no meio popular”.

Sousa segue sua reflexão afirmando que é justamente por sua condição de comunicação e de poesia que o cordel se constitui como uma possibilidade de educação popular e que, em relação à conjuntura política brasileira permeada pela ditadura civil-militar, “o discurso da Literatura de Cordel expressa resistência ao autoritarismo da ditadura militar no Brasil entre os anos 1964 a 1984 e, por isto mesmo, constitui-se em um grito do oprimido e uma escola de resistência” (SOUSA, 2007, p. 22). E acrescenta o referido autor:

O universo da Literatura de Cordel [...] emerge como o universo da palavra que se faz, a um tempo, vida e poesia. Tal universo se objetiva onde quer que exista o homem. Por isto mesmo, a Literatura de Cordel, como palavra e como poesia, questiona as contradições geradas pelo autoritarismo, apontando para a necessidade de um instrumento de investigação que possa evidenciá-la como resistência (SOUSA, 2007, p. 78).

Enfim, os cordéis de Pedro Macambira se constituíram como uma importante prática política discursiva e uma expressão de comunicação popular e alternativa no contexto do movimento sindical, em especial, como estratégia política para promover a formação e a informação aos trabalhadores sobre o cotidiano da realidade e da luta dos trabalhadores nos locais de trabalho e também sobre a realidade brasileira em nível local e nacional e como prática de educação popular. Ao produzir e distribuir cordéis militantes entre os operários metalúrgicos e demais trabalhadores, principalmente, nas periferias da capital paulista, sempre trazendo uma imagem na capa e uma poesia retratando em versos a resistência e a luta dos trabalhadores, bem como a situação política da classe trabalhadora, Pedro Macambira,

criativamente, contribuiu para a construção de uma formação discursiva sindical no contexto específico de emergência e consolidação do “novo sindicalismo” no Brasil, além de participar e ajudar a construir a história da imprensa sindical, de modo particular, e da comunicação popular e alternativa, de modo geral.

Considerações finais

O período do “novo sindicalismo” foi particularmente fértil em relação à renovação política do movimento sindical e também de sua comunicação. A “nova imprensa sindical” (VERDELHO, 1986), além de contribuir decisivamente para reconhecer a comunicação como uma estratégia política do movimento sindical, ainda possibilitou a diversificação dos instrumentos e das práticas comunicativas no contexto das lutas sindicais. Nesse contexto, desenvolveram-se experiências singulares, instigantes e criativas, dentre elas, os cordéis de Pedro Macambira que foram objeto de análise deste artigo.

Apesar de reconhecer a pertinência e a importância da realização de uma análise pormenorizada dos recursos argumentativos, dos elementos discursivos e das estruturas poéticas de cada um dos cordéis de Pedro Macambira, optamos, neste artigo, por realizar uma análise mais global, com o propósito de compreender questões conceituais e históricas da literatura de cordel. Nos limites deste artigo, também cumprimos o propósito de apresentar e situar o conjunto da obra cordelística de Pedro Macambira como prática política discursiva e como expressão singular de comunicação popular e alternativa, materializando a sua condição de estratégia política no contexto do movimento sindical brasileiro.

Temos compreensão de que a principal perspectiva de análise para a literatura de cordel no campo da Comunicação está centrada nas teorias e nas metodologias da Folkcomunicação. Porém, para as reflexões e análises aqui propostas, tomamos como referencial os pressupostos da Comunicação Popular e Alternativa, o que não invalida uma futura análise do objeto de estudo em questão pelas lentes próprias da Folkcomunicação. Por fim, reafirmamos que, pela riqueza dessa produção política discursiva e comunicativa, haveria necessidade de realizar uma efetiva análise de discurso sobre cada um dos cordéis produzidos por Pedro Macambira, porém, essa tarefa se coloca como uma demanda a ser desenvolvida posteriormente.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O novo sindicalismo no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221 (Obras escolhidas, v.1).
- BOITO JR., Armando. Reforma e persistência da estrutura sindical. *In*: BOITO JR., Armando (org.). **O sindicalismo brasileiro nos anos 90**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 43-91.
- BONFIM, João Bosco Bezerra. **O gênero do cordel sob a perspectiva crítica do discurso**. Brasília, 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4931/1/2009_Jo%C3%A3oBoscoBezerraBonfim_Tese.PDF. Acesso em: 28 ago. 2020.
- CRISPINIANO NETO. **O universo da literatura de cordel nordestina**. Mossoró, RN: 2012. Mimeo.
- D'OLIVO, Fernanda Moraes. **O social no cordel: uma análise discursiva**. Campinas, SP: Unicamp, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/782494>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- D'OLIVO, Fernanda Moraes. O funcionamento discursivo do porta-voz na literatura de cordel. *In*: LAGAZZI, Suzy; ROMUALDO, Edson Carlos; TASSO, Ismara (org.). **Estudos do texto e do discurso: o discurso em contrapontos: Foucault, Maingueneau, Pêcheux**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013, p. 333-350.
- EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. *In*: BRANDÃO, Helena Nagamine (coord.). **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2000. p.119-185 (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 5).
- FERNANDES, Florestan. **Prefácio**. Cordéis de Pedro Macambira. 2013. Disponível em: http://vitogiannotti.org.br/?page_id=36. Acesso em: 20 abr. 2017.
- GIANNOTTI, Vito. **O que é estrutura sindical**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção primeiros passos, v. 194).
- GIANNOTTI, Vito. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Mauad X, 2007.
- GIANNOTTI, Vito. **Apresentação**. Cordéis de Pedro Macambira. 2013. Disponível em: http://vitogiannotti.org.br/?page_id=36. Acesso em: 20 abr. 2017.
- HOUAISS, Antonio. Prefácio. *In*: LONDRES, Maria José Fialho. **Cordel: do encantamento**

às histórias de luta. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1983.

LONDRES, Maria José Fialho. **Cordel**: do encantamento às histórias de luta. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1983.

LUYTEN, Joseph Maria. **A literatura de cordel em São Paulo**: saudosismo e agressividade. São Paulo: Loyola, 1981.

MACAMBIRA, Pedro. **Conversa de três pelegos com satanás**. São Paulo, 1978. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/cordeis-de-pedro-macambira-cleodon-silva-conversa-de-tres-pelegos-com-satanas-xjn6zj70g18r>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MACAMBIRA, Pedro. **Nós e os patrões - o desafio de morte**. São Paulo, 1979.

MACAMBIRA, Pedro. **A aparição de Paraíba e os abusos da Jurubatuba S/A**. 1980.

MACAMBIRA, Pedro. **A história do pelego Camaleão**. São Paulo, 1981.

MACAMBIRA, Pedro. **Reco-reco - máquina de bater em patrão**. São Paulo, 1985.

MACAMBIRA, Pedro. **Sarney - TV Globo e o pau fedorento**. São Paulo, 1989.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. **Rev. Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 8, n. 1-2, p. 7-87, 1977. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/44436/100473>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Comunicação popular e alternativa. *In*: INTERCOM. **Enciclopédia Intercom de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, p. 298-299. [v. 1 - Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional - Conceitos].

MOMESSO, Luiz. **Comunicação sindical**: limites, contradições, perspectivas. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. O folheto popular e as revistas ilustradas: os circuitos de comunicação cidade/sertão na virada do século XIX para o século XX. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, MG, v. 4, n. 4, p. 1-11, out./dez. 2007. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_%20ARTIGO_07-Sylvia_Regina_Bastos_Nemer.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

PACIORNIK, Guilherme Flynn. **Movimentos sociais e as novas tecnologias da informação e comunicação**: um estudo de caso na zona sul da cidade de São Paulo, a Casa dos Meninos, Campinas, 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/8152385/Final_-_Mestrado_-_Movimentos_Sociais_e_Tecnologias_-_Guilherme_Flynn_Paciornik_-_2013. Acesso em: 15 set. 2020.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos**





Linguísticos, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823/4544>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SANTIAGO, Cláudia; GIANNOTTI, Vito. **Comunicação sindical**: falando para milhões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SOUSA, Manoel Matusalém. **Cordel grito do oprimido**: uma escola de resistência à Ditadura Militar. João Pessoa, 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13674499-Universidade-federal-da-paraiba-centro-de-educacao-programa-de-pos-graduacao-em-educacao-doutorado-em-educacao-manoel-matusalem-sousa.html>. Acesso em: 28 ago. 2020.

VERDELHO, Valdeci. A nova imprensa sindical. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 80-98.

Submetido em: 26.09.2020

Aprovado em: 15.03.2022

